

Inter-relações entre juventudes, educação e tecnologias digitais**Interrelationships among youth, education and digital technologies**

DOI:10.34117/bjdv5n6-128

Recebimento dos originais: 13/03/2019

Aceitação para publicação: 30/04/2019

Adilson Cristiano Habowski

Mestrando em Educação pela Universidade La Salle. Bolsista CAPES/PROSUC. Membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq).

Instituição: Universidade La Salle.

Endereço: Rua Garibaldi, 626. Bairro: Bom Fim. Cidade: Porto Alegre. CEP: 90035-052, Brasil

E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

Elaine Conte

Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq).

Instituição: Universidade La Salle

Endereço: Rua São Vicente, 32/302. Bairro: Rio Branco. Cidade: Porto Alegre. CEP: 90630-180, Brasil.

E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Carla Milbradt

Mestranda em Educação. Membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq).

Instituição: Universidade La Salle.

Endereço: Rua Cel. Bordini, 1471. Bairro: Bela Vista. Cidade: Porto Alegre. CEP: 90440-001, Brasil.

E-mail: cal_milbradt@hotmail.com

RESUMO

O estudo discute as inter-relações entre juventudes, educação e tecnologias digitais, cujo objetivo é analisar as repercussões e dilemas que as novas tecnologias digitais têm no processo educativo dos jovens. Estas tecnologias têm gerado mudanças socioculturais, políticas e produtivas, e que, portanto, necessitam ser compreendidas à luz dos múltiplos e complexos fatores que se desdobram ao longo dos tempos como forma de sociabilidade. Alguns autores chamam a atenção sobre o fato de que as tecnologias além de modificar as formas de linguagem, de comportamento e os modos de se relacionar dos sujeitos (laços de amizade e sociabilidade), também estabelecem inter-relações com as formações sociais, econômicas e culturais da vida. Trata-se de um discurso que vem desde o final do século XX e início do século XXI, correspondendo a um conjunto de transformações sociais e digitais. Os debates sobre a necessidade de uma conversação digital emanam por ocasião do avanço e propagação das tecnologias, da maior oferta de mercado para o consumo dos artefatos

digitais, culminando numa expansão e utilização massiva das tecnologias como forma de ideologia. As aporias nos impulsionam para a busca do enfrentamento das formas de feitiço institucionalizadas, rumo à emancipação dos conhecimentos pela reconstrução intersubjetiva, gerando um agir e um pensar coletivos, através das possibilidades de discussões globais emergentes.

Palavras-Chave: Juventudes. Tecnologias Digitais. Educação.

ABSTRACT

The study discusses the interrelationships among youth, education and digital technologies, whose objective is to analyze the problems and dilemmas that the new digital technologies have in the educational process of young people. These technologies have generated sociocultural, political and productive changes, and therefore need to be understood in light of the multiple and complex factors that unfold over time as a form of sociability. Some authors draw attention to the fact that technologies, besides modifying the forms of language, behavior and the ways of relating of the subjects (bonds of friendship and sociability), also establish interrelationships with social, economic and social formations. cultural aspects of life. It is a discourse that comes from the end of the twentieth century and the beginning of the twenty-first century, corresponding to a set of social and digital transformations. Debates about the need for digital conversation emanate from the advancement and spread of technologies, from the increased market supply to the consumption of digital artifacts, culminating in an expansion and massive use of technologies as a form of ideology. Aporias impel us to search for the confrontation of institutionalized forms of spell, towards the emancipation of knowledge through intersubjective reconstruction, generating collective action and thinking through the possibilities of emerging global discussions.

Keywords: Youth. Digital Technologies. Education.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, as juventudes são percebidas como ágeis nas tecnologias e esse discurso tem se reproduzido nos debates, nas pesquisas e nas mídias, pois, “ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras” (MELUCCI, 1997, p. 9). Por isso, o presente estudo está articulado com apreocupação com os modos como esta significativa parcela da população passou a se relacionar com os diversos artefatos tecnológicos digitais, sobretudo quando são explorados no ciberespaço de maneira contraditória. Nesta conjuntura, há diversas denominações para analisar essa geração que cresceu submergida neste universo digital, caracterizada como *nativos digitais* ou *geração digital*, operando formas de tornar os acontecimentos comunicáveis e pensáveis, uma vez que tais expressões entram em circulação nos âmbitos acadêmicos, escolares e midiáticos. A

habilidade e agilidade para manusear os dispositivos tecnológicos, que parecem entrar em conflito com a perda das referências para a tomada de decisão com a ampliação dos aspectos cognitivos e emocionais, a exposição constante nas redes sociais, a tentativa de fugir da realidade e das responsabilidades, e o tempo demasiado dedicado aos jogos *on-line*, são questões que criam desafios para uma cultura das juventudes na atualidade. Diante desse contexto, indagamos: quais são as problemáticas e desafios presentes nas inter-relações das juventudes com as tecnologias na educação, no conviver e no projetar-se para o futuro?

A partir de um horizonte hermenêutico¹, problematizamos as racionalidades e as formas discursivas produzidas sobre as juventudes e tecnologias, tecendo reflexões a partir do estado da arte, interpretando a realidade educacional, que pode ser percebida de forma crítica e reconstrutiva, originando outras possibilidades de ver o mundo. Com isso, abrimos novas perspectivas de diálogo e problematização dos fenômenos estudados sobre juventudes e tecnologias em suas vertentes, atravessando pelo movimento de leitura crítica e (re)construtiva da realidade juvenil de novas aprendizagens e desvelamentos. A hermenêutica possui uma reflexividade na tentativa de explicar e interpretar os textos, as linguagens e os diferentes mundos, pressupondo uma entrega ao outro, ao diálogo com o mundo enquanto totalidade de significados e possibilidades, na busca de sentidos para as incoerências e intransparências existentes (HABOWSKI; JACOBI; CONTE, 2018). A busca de reconhecimento das culturas juvenis não pode se esfacelar no conjunto de um saber técnico e prévio com as tecnologias na educação ou como algo destituído de sentido, mas a partir de suas próprias experiências no mundo. A compreensão do mundo juvenil passa pela mediação de signos, símbolos e textos da cultura virtual. Daí surge a necessidade de um esforço hermenêutico para problematizar a prática educacional na era digital, que é uma condição histórico-cultural em que as juventudes estão inseridas na produção de textos, de narrativas de si e do outro.

2 JUVENTUDES E TECNOLOGIAS DIGITAIS – REFLEXÕES A PARTIR DO ESTADO DA ARTE

O entendimento de textos sobre juventudes está relacionado principalmente aos contextos, imagens e todos os símbolos culturais da condição geracional e social em que

¹ Conforme Lévy (1993, p. 73), “[...] o objetivo principal de uma teoria hermenêutica da comunicação não será, portanto, nem a mensagem, nem o emissor, nem o receptor, mas sim o hipertexto que é como a reserva ecológica, o sistema sempre móvel das relações de sentidos que os precedentes mantêm”.

vivem, não existindo um exclusivo entendimento de juventude para abranger a pluralidade de áreas e pesquisas históricas. Assim, o que de fato existe são diferentes formas de se perceber e compreender as juventudes, não se restringindo a uma juventude, mais sim, no sentido que as juventudes fazem parte dos contextos, de invenção e imaginação metafórica de nós mesmos. Para Carrano (2003, p. 133-134),

A juventude se mantém como categoria sociológica inventada pelos adultos, entretanto os seus sentidos se tornam cada vez mais difíceis de totalizar. Quando muito, podemos elaborar provisórios mapas relacionais. [...] O cotidiano dos jovens pode ser mais caracterizado, entretanto, por inúmeras redes de interesses cotidianos com os grupos e redes de relações elaborando seus próprios estilos e pontos de vista.

Com a possibilidade de acesso à internet, novos hábitos de vida e estranhamentos se estruturam afetando as subjetividades das juventudes, bem como as relações intersubjetivas, as formas de sociabilidade, os modos de aprender, de (re)construir seu ambiente cultural, adaptando as formas de lazer e diversão. Criam-se intransparências nos movimentos de reflexão e o sujeito consciente já não coincide consigo mesmo e a subjetividade se esfacela no conjunto de suas experiências, pois nelas não se (re)conhece no mundo. Discorrer sobre as juventudes diante das tecnologias digitais “implica em percorrer um território sempre em fluxo. A linguagem, por exemplo, é ressignificada pelos grupos juvenis e pela internet, o que pode ser percebido nos símbolos e palavras que ganham novos sentidos” (SALES, 2011, p. 02). Decisivamente, o acesso às novas tecnologias digitais tem revolucionado os modos de vida, tornando-se importante neste processo um olhar atento das relações entre os jovens e os meios tecnológicos, uma vez que estes sujeitos se afirmam nas diferenças e têm sido fortemente enclausurados pelo ciberespaço. A possibilidade de continuar questionando o sentido das relações entre linguagens e mundos juvenis podem ser analisados pelo potencial das redes tecnológicas, por razões das manipulações ideológicas postas em ação pela indústria cultural (HABOWSKI; CONTE; JUNG, 2018).

Esta investigação é um desafio, à medida que percebemos que poucos são os estudos sobre os discursos das juventudes em relação às tecnologias, especialmente em tempos de expansão e democratização das tecnologias digitais na formação humana, na capacidade de inventar narrativas sobre si mesmo, na vida social das juventudes e nas próprias instituições de ensino. Há a necessidade de considerar a pertinência das concepções subjacentes, de modo a capacitar os educadores a interferirem criticamente e construtivamente nessas

realidades, acentuando a finitude e vulnerabilidade das juventudes. Conforme Pugens, Habowski e Conte (2018, p.498-499), é necessário “formar professores críticos e participativos desde as tomadas de decisão à resolução de problemas da vida em sociedade, ao invés de permanecerem na simples transmissão-recepção de conteúdos no trabalho com os jovens, com dissonâncias cognitivas oriundas da simplificação da realidade”.

Estas análises estão inseridas na necessidade de formar professores para desenvolverem a capacidade crítica e participativa nas tomadas de decisão à resolução de problemas da vida em sociedade, encontrando novos objetos sobre os quais podemos investir nossa ação, ao invés da simples transmissão-recepção de conteúdos e conceitos no trabalho com as juventudes, eximindo-se da própria responsabilidade. Através de indagações e não do acúmulo de conteúdo, desenvolve-se a participação nas decisões tecnocientíficas, avaliando os riscos e os benefícios em processos formativos dos jovens nas tecnologias, tendo um significado para a vida democrática e profissional, pois nenhum tipo de realidade pode ser ofuscado por sentir-se dono absoluto de uma verdade ou de um caminho, mas na capacidade de se colocar no lugar do outro como condição e criação de novos entendimentos.

O diálogo com a tradição cultural tecnológica possibilita e estimula os diagnósticos, tornando-se noção básica para educação emancipadora e libertadora das juventudes, caminhando além do simples treinamento de competências e habilidades. Podemos afirmar que o fio condutor para um projeto político-pedagógico de dimensões éticas e coletivas está assegurado em narrativas que oportunizam a (re)invenção de visões de mundo na coletividade e não apenas de imersão numa cultura do silêncio, submetido aos limitestécnicos das tecnologias. Asexperiências com as tecnologias nos colocam no limite perigoso de rupturas com a temporalidade e nos abismos da perda de sentido comum entre finitude e as possibilidades de lidar com os contextos culturais de seu mundo. Todas as produções humanas podem ser consideradas como textos que habitam a temporalidade. Esse mundo das juventudes pode ser transformado diariamente ou no transcorrer do tempo, em busca de um olhar (auto)crítico da cultura tecnológica e do princípio pedagógico da intercomunicação, recuperando o diálogo constitutivo de busca de sentidos e de conhecimentos para lidar com as coisas do mundo.

Na sociedade somos movidos também pelas tecnologias em diversas atividades cotidianas, como pagar contas, atividades profissionais, na realização de pesquisas e estudos, tornando as tecnologias digitais cada vez mais presentes em nossas vidas como uma experiência de futuro, constituindo nossa temporalidade. Neste caminhar, a educação não

está alheia das transformações, mas ainda vê com estranheza as tecnologias digitais, com rastros de sofrimento de algo advindo de um poder instituído e vivenciado num horizonte de saber vulnerável. A efervescência tecnológica tem gerado enormes transformações na vida diária das pessoas e, nesse conjunto, as juventudes estão inseridas, fazendo suscitar diversas discussões para compreendê-las em suas razões e sensibilidades. Portanto, é necessária uma postura crítico-reflexiva do professor, no sentido de rever a prática pedagógica, tendo como princípio maior um descentramento de sua posição enquanto autoridade pedagógica, de transmissor de um conhecimento já estabelecido, passando a reconhecer as ações interdependentes destas obras e recriações humanas, contribuindo para uma aprendizagem colaborativa entre os estudantes (HABOWSKI; CONTE, 2018). Para atravessar as tecnologias com a capacidade de reconstruir coletivamente saberes e de responsabilizarem-se por suas ações, os professores precisam compreender as necessidades e posições dos outros, no caso, das juventudes. Assim,

Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem (LÉVY, 2000, p. 171).

A ação do professor passa a ser de gerar a autonomia (que é algo interdependente com as tecnologias digitais) e a busca para o aprimoramento dos saberes, condição imprescindível numa sociedade em que há uma atualização constante dos conhecimentos. A utilização das tecnologias na prática pedagógica tende a permitir às juventudes a descoberta de novos saberes, capacidades de investir em novas ações, levando a uma melhor compreensão dos estudos. E ao professor, um espaço propício para inventar novas narrativas, debruçando-se em contextos interculturais de conhecimentos questionáveis e na aproximação com os estudantes enquanto troca recíproca de saberes intersubjetivos, para reconhecer e tornar compreensíveis tecnologias e estruturas da pluralidade.

No entendimento freireano, é através da relação dialógica que se inicia o ato de ensinar e de aprender ativo, participativo de pesquisa e de (re)elaboração própria e coletiva, em que há o envolvimento e motivação para (re)conhecer e incorporar interpretações, enquanto autores do conhecimento social reconstruído por meio da autonomia. A autonomia

faz parte dos processos educativos, ao lado da capacidade de (auto)crítica, de ajudar as juventudes a desenvolverem o hábito de fazer leituras e relações no ato de (re)aprender. Esse diálogo não pode reduzir-se a uma postura de impor ideias ou trocá-las com o outro, ou seja, “o diálogo não pode converter-se num bate-papo desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educandos. O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível” (FREIRE, 2006, p.118). Aprender a interpretar a realidade implica no diálogo enquanto uma troca recíproca, enquanto autocriação de si no sentido de resistência, e não uma atitude de disputa argumentativa cuja finalidade é o convencimento forçado. Colocar este modo de pensar, em uma sociedade opressora, torna-se uma condição de possibilidade à conversação, pois só ocorre “entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos” (FREIRE, 2005, p.123). É na valorização e reconhecimento do saber do outro que depositamos nossa perspectiva de (re)aprender a ensinar através das tecnologias.

Quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo e ao mesmo instante, contribuímos para mobilizá-lo, para desenvolver neles sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implantação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos (LÉVY, 2000, p. 30).

Nessa concepção, Habermas (2003) nos apresenta a teoria do agir comunicativo, em que o saber é resultante da discussão pública que pode atingir um consenso, através do melhor argumento extraído das condições de um debate sem repressão, que visa o entendimento recíproco. Nessa direção, a educação tem a responsabilidade de desenvolver a habilidade argumentativa de forma reflexiva e transformadora no que tange ao mundo atual virtual das juventudes. A argumentação, num viés habermasiano, pode ser reconstruída todas as vezes que nos deparamos com um discurso perturbado, patológico e limitado de autocompreensão crítica da própria experiência comunicativa. Nos artefatos tecnológicos em que as juventudes estão inseridas, para que exista diálogo entre os interlocutores que buscam alcançar o consenso de algo no mundo, é necessário que os mesmos se comuniquem num viés de alteridade, enquanto abertura ao diálogo, indispensável para obtenção do consenso e para a revisão constante das posições dos saberes, implicando em um compromisso constante de repensar os conhecimentos e as práxis educativas (FREIRE, 2005). Habermas (2003, p.10) diz que,

Trata-se, em primeiro lugar, de um conceito de racionalidade comunicativa, que tenho desenvolvido com suficiente ceticismo, porém que é capaz de fazer frente às reduções cognitivo-instrumentais que se fazem da razão; em segundo lugar, de um conceito de sociedade articulado em dois níveis, que associa os paradigmas de mundo da vida e sistema, e não somente de forma retórica. E finalmente, de uma teoria da modernidade que explica o tipo de patologias sociais que hoje se tornam cada vez mais visíveis, mediante a hipótese de que os âmbitos de ação comunicativamente estruturados estão submetidos aos imperativos de sistemas de ação organizados formalmente que se tornaram autônomos. Dito de outra forma, que a teoria da ação comunicativa nos permite uma categorização do plexo da vida social com a qual é possível dar razões aos paradoxos da modernidade.

Por sua vez, Lévy (1993, p. 21) defende que “a circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação”, pois, no agir comunicativo é a dialética da intercomunicação que impera, bem como as intencionalidades discursivas, que acabam metamorfoseando os significados e seus contextos. Mas, a discussão sobre o uso dos artefatos tecnológicos pelas juventudes tem gerado debates ambíguos: de um lado, a tecnologia é apresentada como fantástica ferramenta para ampliação de ações democráticas massivas, considerada ainda como potencial para uma revolução na inteligência coletiva, como afirma o estudioso da *cibercultura* Pierre Lévy (2000), que a entende na perspectiva de uma relação colaborativa em rede. Por outro viés, o aparato tecnológico é compreendido dentro de um contexto com base em interesses fundamentalmente capitalistas e ideológicos, sustentado pela teoria crítica, defendida por Theodor Adorno (2003). A indústria cultural numa sociedade globalizada, além de fornecer a desapropriação da habilidade de pensar, interfere ideologicamente na vontade e no desejo estético dos sujeitos, a ponto de bloquear a disposição da autocrítica e da dimensão contraditória das tecnologias.

Diante disso, é importante indagar o quanto os meios tecnológicos tem verdadeiramente colaborado para a formação da inteligência colaborativa e a capacidade de diálogo entre as juventudes. A rápida transmissão ideológica oprime e banaliza as percepções a ponto de impulsionar apenas o consumo, inexistindo possibilidade de avaliar outras possibilidades. No ciberespaço, as fantasias onipresentes tornam-se fascinantes, sobretudo tendo em voga uma sociedade progressivamente individualista e fragmentada. As juventudes acabam sendo lançadas nesse círculo de mundialização ideológica e mercadológica junto com o avanço tecnológico, sem a possibilidade do aprender democrático e coletivo entre as

juventudes. Nas táticas ideológicas, Adorno e Horkheimer (1985) identificaram a realização de formas de manipulação psicológicas implantadas através da indústria cultural, sobretudo por meio da diversão, da *manipulação retroativa*, culminando no enfraquecimento do Eu e no conformismo a *status quo*.

A imaginária felicidade associada ao entretenimento e à necessidade de consumo torna-se uma necessidade das juventudes e o ciberespaço assume aí um importante papel, propiciando uma descontração com o propósito do exibicionismo público inclusive de sua intimidade, através do *facebook*. Nesse sentido, urge a necessidade de uma formação (auto)crítica e de uma educação emancipatória para as tecnologias, identificando distorções e questionando as implicações nas subjetividades juvenis. Enquanto educação das juventudes é fundamental que as intuições de ensino levem em conta as complexidades humanas, dispondo de elementos críticos e reflexivos para que os jovens possam refletir no espaço escolar, promovendo experiências pedagógicas desafiadoras e reconstrutivas com as juventudes, nas renovadas possibilidades de relações reflexivas no espaço virtual contemporâneo.

3 JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: ENTRE OS INTERESSES DE MERCADO E A DEMOCRACIA

A presença das tecnologias é um dos componentes das transformações sociais² em decorrência da velocidade com que as informações circundam, também como resultado dos processos de globalização e de progresso tecnológico, se reproduzindo nas mais diversas instâncias da sociedade. A economia do setor cultural ficou contraditória redundando na economia formativa, no sentido de (re)produzir e simplificar linguagens sobre como se portar frente ao mundo, o que vestir, ler, ouvir, assistir, falar, e na educação aparece na forma de modismos pedagógicos. A interconexão digital entre as juventudes nas redes sociais interferiu nos costumes e nas práticas sociais e veio vestida em roupagem modernista inseparável do caráter superficial de mercadoria e da míope fixação com o divertimento (como o uso dos celulares, a ponto de alienar as pessoas da realidade).

²Nessa constatação da sociedade, percebemos que os espaços tecnológicos e virtuais atribuídos aos jovens ganham destaque no processo de reorganização social, enquanto processo de preparação para as funções de domínio tecnológico e técnico a serem exercidas no mercado de trabalho. Tudo indica que para o trabalho tecnológico se requer a precisão de cursos e programas designados para as juventudes trabalhadoras, que necessitam apenas de vigor físico às competências profissionais (mão de obra barata e semiformativa), sem requerer estudos formativos que passam pelo crivo da crítica ao sistema instituído.

Ancorados na perspectiva de Zygmunt Bauman sobre *amodernidade líquida*³, destacamos que as juventudes se encontram num processo provisório, portanto líquido, marcado por ilimitadas possibilidades de escolhas, ausência de solidez, incertezas, sendo necessário permanecer em busca de atualizações e revisões da lógica do presente. Assim, um dos elementos que precisam ser retomados está inserido no próprio enfraquecimento dos vínculos que ligam uma ideia de geração à idade biológica ou a uma etapa de vida já determinada e sujeita a definições cronológicas, visto que as juventudes se encontram na condição ativa, instável e movente.

É neste processo que a geração digital está inserida e vai sendo caracterizada ora como libertadora, por ocasião da facilidade de acesso aos artefatos tecnológicos, ora como semiformadora, unidimensional, desorientada e criada em mundos superficiais. A geração digital acabou sendo marcada pela complexidade, fazendo com que os especialistas descrevessem sobre os males e os benefícios da sociedade tecnológica, reconhecendo as condutas e características dos sujeitos digitais e da própria juventude digital, mais veloz nos mecanismos tecnológicos. Conforme Bortolazzo (2015, p. 187),

As crianças e jovens contemporâneos parecem absorver informações e conteúdos que antes estavam mantidos em “segredos”, tal como uma espécie mítica dos adultos enquanto “guardiões do conhecimento”, e isso começa a se desintegrar. O acesso às informações e às tecnologias tem permitido que os jovens desempenhem um papel mais ativo como produtores da cultura da atualidade – criando músicas, manipulando imagens, interagindo nas redes sociais, editando vídeos, etc. No entanto, é difícil precisar se essa geração seria mais imaginativa, inteligente ou mesmo mais feliz que as do passado, mas certamente parecem ser os mais sintonizados com a cultura do seu tempo, essa transformada e formatada, muitas vezes, com o auxílio das tecnologias.

As narrativas postas em circulação também mudam e deslocam as necessidades e representações do imaginário coletivo das juventudes. Nos tempos atuais, as narrativas de

³ Conforme Bauman (2001), a modernidade está num período de privatização e individualização, ocorrendo um desvinculamento das relações de poderes e um derretimento das tradições, viabilizando uma ruptura entre a construção individual e a construção política da sociedade. Nas palavras de Bauman (2001, p. 12): “O ‘derretimento dos sólidos’, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro”.

2010 já não encontram mais sentido e espaço para circulação por ocasião das contingências edemandas de uma sociedade líquida em que as situações, relações e as pesquisas são temporárias e frágeis. O tempo de motivação, atenção e memória entre os jovens está em constante decadência. Neste quesito, a questão é que as juventudes conseguem manter a atenção, mas em temáticas que instiguem constantes desafios e, preferencialmente, assuntos relacionados aos artefatos digitais, através de pesquisas imediatas, por exemplo. Por conta da diminuição no tempo de concentração, estaríamos diante de uma geração intercambista, visto que os interesses em diversos âmbitos estão modificando constantemente o modo de comunicar-se com o mundo. A geração digital tem sido apresentada como irreconciliável com os sistemas formais de educação, pela postura autoritária que ainda impera, em termos de conteúdos pedagógicos obrigatórios (CONTE; HABOWSKI, 2018).

As juventudes são atraídas pelo ciberespaço especialmente pela oportunidade de praticar em fantasias virtuais e se sentirem recebidos pelo grupo constituído. Mas, conforme Adorno, as fantasias virtuais são produzidas pela indústria audiovisual, denominando de *psicanálise às avessas*.⁴ Essa tendência regressiva é utilizada justamente para a manutenção do capitalismo e das desigualdades sociais. Assim, quanto mais as juventudes se reconhecem com as tecnologias digitais, mais alienadas se tornam ao consumo, ficando escravizadas para a manutenção do status quo. Ao se fixarem nas fantasias virtuais, os jovens perdem a capacidade de assimilação das experiências cotidianas. As juventudes dedicam a maior parte de seus momentos livres para ocupações no ciberespaço, sobretudo nas redes sociais, jogos *on-line*, vídeos humorísticos do *YouTube*, tornando-se a diversão uma dispersão das responsabilidades de conduzir a própria vida. Na indústria cultural, por ocasião dos poderes ideológicos presentes na internet, as categorias como liberdade, gratuidade e inexistência de poder e interesses, por trás das informações, são princípios duvidosos. A invisibilidade que conduz as atividades no ciberespaço tem grandes proprietários (americanos e russos), que na maioria das vezes são externos ao próprio território, criando mecanismos para que a desigualdade econômica e social pareça natural.

A indústria cultural promete aos seus telespectadores uma realidade ilusória e bloqueia outras formas de conhecimento pela *fetichização* e pela própria dominação mediada economicamente, cegando-nos a ponto de condicionar e tornar estanques e lineares os

⁴ Sobre essa questão, Adorno e Horkheimer (1985, p. 201) afirmam: “Nenhuma fuga é tolerada, os homens estão cercados por todos os lados e as tendências regressivas, já postas em movimento pelo desenvolvimento da pressão social, são favorecidas pelas conquistas de uma psicologia social perversa ou, como corretamente se chamou essa prática, uma *psicanálise às avessas*”.

pensamentos fabricados culturalmente. O modo de vida apresentado pela indústria cultural não se assemelha ao cotidiano real das juventudes telespectadoras, mesmo sendo apresentado a elas a mesma realidade. Em segmentos programados, apresenta-se um ideal que é regulado pela negação das singularidades e personalidades, para que todos se aglomerem à grande massa e consigam chegar o mais próximo do tão almejado modo de vida que a indústria cultural veicula. Aquele que destoa ou não se mostra condizente com o padrão de vida estipulado, é renegado e excluído socialmente, já que vive à margem da cultura funcionalista. Para Adorno (2002, p. 16), “quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência”. A obra de Prioste (2013, p. 340) parte dos estudos de alguns textos de Freud sobre a fantasia para afirmar que as pulsões *perverso-polimórficas*, *voyeurístico-exibicionista*, bem como *sádico-masoquistas*, encontram-se na origem das fantasias, encontrando na indústria cultural a mola propulsora do mercado, sobretudo no ciberespaço sustentado pelo *voyeurismo* e *exibicionismo*.

[...]as tendências psíquicas exploradas no ciberespaço pela indústria cultural global são as pulsões perverso-polimórficas voyeurístico-exibicionistas e sádico-masoquistas. Com a finalidade de satisfazê-las, são produzidas as coloridas e movimentadas fantasias virtuais, que alimentam também a onipotência, intensamente estimulada na rede. As fantasias virtuais têm ainda o objetivo de promover satisfações narcísicas primárias no ciberespaço por meio dos produtos nele ofertados. No início da adolescência, as fantasias edípicas de fusão materna, de parricídio e de sedução entram em cena e o mundo virtual torna-se um local aparentemente seguro onde estes devaneios, disfarçados, podem ser exercitados sem culpabilidade. Porém, como visto, o apego excessivo às satisfações promovidas pela internet conduz a um desinvestimento em outras áreas da vida, tal qual constatado nas entrevistas com os adolescentes, resultando em um empobrecimento da percepção de suas experiências, bem como das relações com o outro e com o saber, dificultando a transição para a vida adulta. Os devaneios virtuais assemelham-se aos alimentos fast-food, são fáceis de serem digeridos, mas altamente propensos aos problemas de obesidade. As fantasias do mundo virtual são os alimentos industrializados para o espírito pós-moderno, são gostosas, fáceis de serem assimiladas, porém com alto potencial para insuflar a alma de banalidades e desconectá-la da experiência de sua própria vida (PRIOSTE, 2013, p. 340).

No limite perigoso entre o que é voluntário e involuntário (culpabilidade), que as juventudes e as tecnologias rompem como ambientes tradicionais responsáveis pela transmissão da tradição cultural como a família e as instituições de ensino. Na verdade, as mídias se fazem cada vez mais presentes no cotidiano das juventudes, na construção de identidades culturais, nas relações e interações sociais. Neste cenário, as juventudes sentem a necessidade de navegar nos ambientes tecnológicos, realizando trocas de informações e de diversas interações entre o virtual e as realidades cotidianas, adaptando-se conforme as diferentes funções dos grupos de relacionamentos.

O diálogo crescente entre o mundo juvenil e a cultura digital são produtoras de relações, hiatos e intervalos, que os marcam profundamente enquanto capacidade de experienciar nossa cultura e nossa história, constituindo nossa temporalidade, visto que o diálogo vai além de um conceito filosófico, tornando-se uma maneira de se relacionar com o mundo e com as diferentes formas de vida, rostos e linguagens. Freire (2005) assinala que a prática pedagógica desenvolvida sob a perspectiva crítica e da participação de sujeitos dialogantes na dinâmica social envolve o movimento dialético entre o pensar e o agir da existência humana, como forma de vincular os processos de ensino e de aprendizagem ao ato educativo de resistência e contradição. Ensinar demanda curiosidade, esforço criativo e criticidade para que seja possível(re)construir os conhecimentos conforme as necessidades para uma sociedade mais justa e humanizada em meio aos avanços tecnológicos. Assim, as interações crítico-dialéticas pressupõem transformações do aprender na relação com os outros, principalmente nas relações circundantes das tecnologias digitais, que por vezes são enaltecidas com base em relações e discursos carregadas de subjetividades (HABOWSKI; CONTE, 2019). Diante dos abismos, vícios e patologias tecnológicas, “os jovens são viciados e não fazem nada de útil nas redes sociais”, pois elas passam a representar frustrações, tédio e vazio (SOUZA, 2014, p.363). Contudo, questionamos: Quais os limites do saber e da linguagem tecnológica para a formação dos jovens e organização de novas condições e referenciais contemporâneos? Quais as dificuldades da escola no debate da inclusão/exclusão dos jovens na sociedade globalizada?

[...]é fato que para dialogarmos com os jovens contemporâneos, é necessário uma pedagogia questionadora de si mesma e voltada para a escuta de seus sujeitos – aqui os sujeitos jovens-alunos do ensino médio. Notamos que a pedagogia da escuta juvenil é um dos grandes desafios contemporâneos para se compreender a imbricação entre ser jovem e ser aluno numa sociedade mergulhada nas culturas

mediáticas. Pois a pedagogia da escuta, como diria Paulo Freire: é aquela que provoca e questiona os educandos e a si mesma, investindo, apostando, assim, na difícil experiência da liberdade. Uma pedagogia da escuta é aquela livre para a liberdade e para emancipação dos sujeitos em relação educativa. Em se tratando da educação escolar do ensino médio, poderíamos dizer que a pedagogia da escuta exige colocar no centro de suas práticas o sujeito jovem, antes do sujeito aluno. Esse sentido educativo freireano, exige uma *fé* no jovem que é vestido de aluno. Pois esta pedagogia da escuta exige diálogo e o diálogo exige: *uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano* (FREIRE, 1983; SOUZA, 2014, p. 364).

As relações das juventudes com as tecnologias digitais toca o campo informativo e formativo, influenciando a (auto)percepção dos sujeitos e nas suas trocas interpessoais, em que compartilham gostos, formas de agir, expressam opiniões diversificadas, estabelecem vínculos, constroem afinidades ou divergências, auxiliam-se nas tarefas escolares, divulgam eventos e combinam encontros presenciais. Essas relações estão imbricadas de tal modo no cotidiano de suas interações, que a separação entre virtual e real não faz tanto sentido para os jovens, evidenciando que o virtual e o real são duas formas de habitar e agir no mundo, são capacidades de contato e aproximação relacional e conversacional. Diante dessa expansão entre a virtualidade e as juventudes, a educação se encontra desafiada para fornecer mais espaços de experiência crítica e (re)construtiva no próprio ambiente escolar, uma vez que as formas de agir coletivamente que as juventudes realizam, obtêm pouca expressão no cotidiano de aprendizagem em sala de aula. Isso faz com que categorias como autonomia, interdependência, relações interativas, agir comunicativo e a temporalidade sejam ampliadas pelos meios digitais e sejam tensionados no espaço escolar.

4 NOTAS FINAIS

É em vista de perspectivas ambíguas de riscos ideológicos e mercadológicos de expansão (que ameaça a capacidade de crítica), que precisamos instigar as juventudes a refletirem sobre as tecnologias digitais como espaço de discursos hegemônicos, que influenciam o imaginário social, e como possibilidade de abertura a novos horizontes para a formação democrática do conhecimento, que coloca desafios e um estado de mobilização permanente. É importante não apenas a inclusão digital, enquanto apropriação das tecnologias digitais no ambiente escolar, mas, sobretudo, a efetiva formação crítica das juventudes em relação aos interesses e ideologias transmitidas, oferecendo-lhes condições

para que possam verificar e questionar as realidades nas quais estão inseridos (CONTE; HABOWSKI; RIOS, 2019). O acesso à internet não pode constituir-se num simples espaço de (des)informação, mas de discernimento crítico, o que nos impulsionaria a uma condição de humanização das relações com o outro. Nesse contexto, a educação tecnológica das juventudes serviria para combater e resistir ao esquema exploratório da cultura, marcado pelo autoritarismo e pela permissividade consumista, que tradicionalmente reserva para o professor o ensino e para o aluno a aprendizagem, reforçando apenas a especificidade técnica, funcional e mercadológica do processo pedagógico.

Com o intenso consumismo, o *ser* se confunde com o *ter* coisas, para nos sentirmos reconhecidos num *mundo líquido*, onde impera o descarte das coisas que retroalimenta novos consumos. Além disso, conforme as ideias apresentadas por Han (2017), vivemos num contexto marcado pela *autoacusação destrutiva e autoagressão que o leva ao adoecimento social, refletindo uma espécie de (des)humanidade consigo mesmo*. Trata-se “de uma sociedade enraizada naquilo que foi considerado o mais elevado padrão de sucesso que é a questão da competência, na forma de liberdade coercitiva com o mundo virtual” (HABOWSKI; CONTE, 2018, p. 315). Enfim, elaboramos um breve panorama das problemáticas das juventudes, educação e tecnologias, que trazem marcas contraditórias do ser humano, em sua dimensão social e educacional. Se o acesso à internet disponibiliza vias de acesso ao conhecimento de forma diferente, para aprender de maneira (re)construtiva e para desafiar o outro, os processos de ensino devem intervir e dialogar de modo crítico, criativo e participativo com a realidade, estimulando a emancipação coletiva.

Os discursos que legitimam o uso das tecnologias pelas juventudes têm proporcionado novas formas de aprendizagem no conjunto de suas experiências. Essa inclusão na sala de aula constitui-se no acesso à democracia, visto que a maioria das experiências que os jovens mantêm com as tecnologias, se dão para além dos muros escolares, marcando suas necessidades humanas e educacionais. Parece haver um abismo entre o mundo dos jovens e os espaços escolares quando há forte ênfases nos tradicionais sistemas educacionais, sobretudo quando se declara que a educação está em crise. É importante a integração das tecnologias nos fazeres pedagógicos, uma vez que é constituinte dos sujeitos da geração digital. Nos discursos enfrentamos os desafios dos artefatos tecnológicos como possibilidades pedagógicas emancipatórias de interagir, pesquisar, interpretar, refletir, construir e agregar conhecimentos por meio de uma educação melhor, tornando a educação mais digital, conforme os mundos juvenis que não podem ficar

subalternos às tecnologias. Por fim, muitas questões ficam em aberto e precisam ser repensadas na cultura digital diante das inovações: Quais estratégias que as escolas podem assumir para desviar dos apelos pelo domínio consumista e fomentar diálogos críticos e construtivos com as juventudes, com os tempos humanos e expressivos das tecnologias digitais? Será que nos contextos educativos a tecnologia poderá renovar os saberes e transformar as práticas socioculturais, ressignificando o mundo da vida como fonte de resistência ao conservadorismo pedagógico? Vale destacar ainda que muitas questões permanecem em aberto e precisamos aprofundar o estudo sobre as juventudes e suas inter-relações com as tecnologias digitais, para desenvolver o movimento de reflexão e reconhecimento no processo educativo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. ed. Trad. Juba Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.
- BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma Geração Digital**. Porto Alegre, 2015. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano; RIOS, Míriam Benites. Ressonâncias das tecnologias digitais na educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 1, p. 31-45, jan. 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14i1.11110

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. A autoridade do educador no cenário tecnológico: interlocuções freireanas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 406-425, 2018. DOI:10.12957/riae.2018.38035

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Cultura digital versus autoridade pedagógica: tendências e desafios. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 24, p. 278-301, 2018. DOI: 10.26512/lc.v24i0.18993

HABOWSKI, Adilson Cristiano; JACOBI, Daniel Felipe; CONTE, Elaine. Garimpendo ideias para a reconstrução do círculo hermenêutico e do círculo de cultura. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 275-287, Abr./Jun. 2018. DOI: 10.12957/teias.2018.29719

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; JUNG, Hildegard Susana. Reflexões acerca do uso das tecnologias digitais e as juventudes do campo. **Cadernos CIMEAC**, v. 8, n. 1, p. 156-183, jul. 2018. DOI: 10.18554/cimeac.v8i1.2877

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Interações crítico-dialéticas com as tecnologias na educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 4, p.1-21, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14i4.11993

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Sociedade do cansaço [resenha]. **Crítica Cultural**, Palhoça, v. 13, n. 2, p. 315-321, jul./dez. 2018.

DOI: 10.19177/rcc.v13e22018315-321

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Ênio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34,1993.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. Trad. L.P. Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 5-14, maio/dez. 1997.

PRIOSTE, Cláudia. **O adolescente e a internet**: laços e embaraços no mundo virtual. 2013. 361f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PUGENS, Natália de Borba; HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Os processos de ensino atravessados pelas tecnologias digitais. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 496-509, 2018. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/371>> Acesso em: 30 mar. 2019.

SALES, Celecina de Maria Veras. Juventudes, novas experimentações, conexões e interatividade. Texto apresentado no **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, Paraná, jan. 2011.